



Preocupante? Sim...e quanto?

Evaristo Marzabal Neves*

Em fins de outubro circulou na mídia o relatório Living Planet Report, produzido a cada 2 anos pela World Wildlife Fund (WWF), em parceria com a Global Footprint Network e a Zoological Society of London, revelando que o ser humano vem consumindo mais recursos naturais do que o planeta produz, 30% a mais atualmente.

Esta informação preocupa? Sim. Por quê? O relatório anuncia que se o ser humano mantiver o mesmo ritmo de destruição num ambiente de alta demanda, o consumo acima da oferta passará dos atuais 30% para 100% em 2030, necessitando, desta forma, 2 planetas para sustentar o mundo. Impossível, não é?

Sintetizando, metodologicamente para se chegar a estes valo-

res, a pesquisa se apóia em 2 índices: pegada ecológica, que mede quanto cada ser humano usa de recursos naturais equivalentes a uma determinada área ambiental, e, biocapacidade que mensura a extensão de terreno biologicamente produtivo – terras destinadas as lavouras e pastagens, florestas e pesca – disponível para atender as necessidades dos seres humanos. A diferença entre biocapacidade (oferta de recursos naturais) e a pegada ecológica (demanda por esses recursos) identifica os países que são ecologicamente sustentáveis.

Entre os diversos anúncios na mídia, o editorial “A conta está sendo pendurada” (Revista da Semana, Edit. Abril, Ano 2, Edição 61, n. 43, 06/11/08, p.10-11), ilustrando como capa “Vai faltar Planeta”, afirma que “se o homem tira mais do que a natureza pode dar, a

conclusão é imediata: tem gente sem receber sua parte. Há, no mundo, 923 milhões de famintos de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU) e, no final do próximo ano, poderá chegar a 1 bilhão”. Não precisa ir longe nestas projeções, haja visto que por estes dias vem ocorrendo o êxodo em massa no Congo, onde milhares de pessoas vem fugindo de suas casas no Leste deste país aproveitando um cessar-fogo unilateral declarado pelos rebeldes. Impressionante, o depoimento de Rhena Harerimana, um cidadão que estava fugindo havia quatro dias, manifestando que “nós não temos nada para comer há três dias”. Em quantos países no continente africano não vem ocorrendo o mesmo? E, nas regiões pobres da Ásia? Quantos famintos neste

mundo? E observa-se que o Congo é um dos cinco países mais sustentáveis, ocupando o 3º lugar, pelo fato de que tem muita riqueza natural (florestas) mas pouco consumo (muita pobreza).

Seguindo o editorial “a exploração da natureza dobrou nos últimos 45 anos. Em 1961 quase todos os países tinham mais recursos do que podiam consumir. A virada começou a acontecer em 1990, e, hoje, ¾ dos países do mundo estão endividados com a conta ambiental”. Esta dívida vem aumentando rapidamente nos últimos anos devido ao choque de demanda nos países emergentes e nos desenvolvidos, ao aumento populacional, à intensa urbanização, ao elevado consumismo, ao desperdício alimentar e à fatores climáticos adversos e mais constantes (inundações, terremotos, furacões, etc.),

atuando sobre as áreas biologicamente produtivas.

Segundo o editorial, basta um exemplo para entender esta dívida: quem mora numa quitinete no centro de uma capital consome e usa recursos naturais equivalentes a uma determinada área ambiental. Precisa de água, alimentos, vestuário, recursos florestais que ele não produz. Quanto mais avança a urbanização sobre os recursos biologicamente produtivos, tanto maior é a conta ambiental. É possível mitigar esta dívida crescente?

O relatório mostra que sim, que há tempo e meios de reverter um colapso previsto para anos à frente. É assunto para o artigo seguinte: Fome: o que é isso?

Evaristo Marzabal Neves,
Titular, ESALQ/USP. E-mail:
emneves@esalq.usp.br